A LUTA

A liberdade perene é uma conquista permanente.

ANO 2 | RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, 18 DE MARÇO DE 1908 | NUM. 30

A COMUNA DE PARIS

I

Em 18 de março de 1871. o povo de Paris sublevava-se contra um poder geralmente detestavel e desprezivel, proclamando a cidade independente e livre, pertencendo-se a si propria.

Esta destruição do poder central efeituou-se sem o aparato ordinario das revoluções anteriores. Os governantes eclipsaram-se em face do povo armado, os soldados evacuaram a cidade, os funcionarios apressaram-se a fujir de Versalhes, levando consigo tudo que puderam. O governo evaporou-se como uma maré dagua pútrida ao sôpro do vento primaveril, e no dia 19, Paris, sem disparar um tiro, nem verter uma gôta de sangue, encontrou-se livre daquela praga que empestava o ambiente da grande cidade.

A revolução que acabava de efeituar-se abría para os povos uma nova éra na serie das revoluções que os conduz da escravidão á liberdade. Com o nome de Comuna naceu uma ideia nova, chamada a ser o ponto de partida das revoluções futuras.

Como acontece sempre com as grandes ideias, não foi produto das concepções de um filósofo, de um individuo; naceu na conciencia coletiva, saiu do coração de um povo inteiro; ao principio, revistiu-se de alguma incerteza, devido a que os que se tinham incumbido de pratica-la, não a conceberem tão clara como a conhecemos nós hoje; devido a isso não puderam comprender a revolução que inauguravam, da fecundidade do novo principio que tratavam de pôr em ezecução. Unicamente, quando se quiz estabelece-la foi, quando se entreviu o seu alcance futuro; só no trabalho da intelijencia, operado depois, foi onde este novo principio mais e mais se precisou, aparecendo em toda a sua lucidez, beleza, justiça e importancia nos resultados.

* * *

Depois dos cinco ou seis anos que precederam á Comuna, em que o socialismo tomou maior espansão, uma duvida preocupava sobretudo aos elaboradores da prossima revolução social: era saber qual seria o modo mais propicio de agrupar as sociedades nesta grande revolução economica que o desenvolvimento actual da industria impõe á nossa geração, e que não póde ser outro sinão a abolição da propriedade individual, passando a ser comum todo o capital acumulado pelas gerações precedentes.

A *Associação Internacional dos Trabalhadores* encarregou-se de responder a essa objeção satisfactoriamente. Dizia ela: — «A agrupação não deve limitar-se a uma só nação, deve estender-se por cima das fronteiras artificiaes, fazendo-as desaparecer». Rapidamente esta grande ideia penetrou no coração dos povos e apoderou-se das intelijencias mais robustas. Perseguida depois, pela liga de todas as reações, viveu, apezar de tudo, e no momento em que os povos sublevados, façam desaparecer todos os obstaculos que se antepõe em seu caminho, renacerá com maior pujança ainda. Faltava saber quais seriam as partes integrantes desta vasta associação.

Foi quando encontraram-se frente a frente duas grandes ideias para solver a questão: de um lado, o Estado Popular, do outro, a Anarquia.

Segundo os socialistas alemães, o Estado devia tomar posse das riquezas acumuladas e entrega-las aos trabalhadores, organizar a produção e a troca, velar pela vida e o funcionamento da sociedade.

A maior parte dos socialistas da raça latina, em virtude da esperiencia adquirida, respondia que semelhante Estado (na hipótese de vir a ser estabelecido) seria a peior das tiranias, e opunha a esse ideial copiado do passado, outro ideal novo e solidamente baseado na evolução humana — a Anarquia — quer dizer: a abolição dos Estados e a organisação, partindo do simples para o composto, pela livre federação das forças populares, de produtores e consumidores.

De pronto alguns estadistas admitiram que a anarquia muito certamente representava uma organisação em alto grau superior ao Estado Popular: acrescentando: «O ideal anarquista acha-se tão distante de nós que não temos necessidade de nos preocuparmos dele». Por outro lado, faltava á teoria anarquista uma fórmula concreta e simples, que determinasse o ponto de partida, que désse corpo ás suas concepções, demonstrando apoiar-se sobre uma tendencia que tivesse ezistencia real para o povo. A federação das corporações de oficio e de grupos consumidores, por sobre as fronteiras e fóra da tutéla dos actuaes estados, parecia ainda muito vaga; e, ao mesmo tempo, deixava facilmente entrever que não podia comprender as multiplas manifestações humanas em toda sua diversidade. Era preciso encontrar uma fórmula mais clara, mais tanjente e cujos elementos principaes ezistissem na realidade das cousas.

Não se tratava simplesmente de elaborar uma teoria, porque pouco importam as teorias, quando uma nova idéia não chega a encontrar o resultado do seu enunciado, preciso e distinto, na realidade do que eziste, e não consegue apoderar-se dos cérebros, nem os arrebate a ponto de anima-los a lançar-se a uma luta decisiva. O povo jamais caminha para o desconhecido sem apoiar-se em uma idéia clara e francamente formulada, que lhe sirva de ponte, digamo-lo assim, para o seu ponto de partida. Este ponto de partida é a propria razão quem se encarrega de lh'o indicar.

* * *

A Comuna de 1871 não podia ser mais que um esboço. Nascida no meio de uma guerra e de dois ezercitos dispostos a confraternizarem-se ao primeiro momento para esmagar o povo, não se atreveu a encaminhar-se desassombradamente pela estrada da revolução economica; não se declarou francamente emancipadora, nem procedêu a espropriação capitalista, nem á organização do trabalho, nem, ainda, fez o censo geral de todos os recursos da cidade. Não se atreveu a romper a tradição do Estado e do governo representativo, nem tratou de efeituar em seu seio essa organização do simples ao complecso que inaugurara ao proclamar a independencia e livre federação das Comunas. E' fóra de dúvida que, si tivesse vivido alguns mezes mais, ter-se-ia visto impulsionada, pela força mesma das circumstancias, para estas duas resoluções. Não esqueçamos que a burguezia levou quatro anos de periodo revolucionario para passar da monarquia moderada para a sua republica, e assim não nos estranhará que o povo de Paris não tivesse franqueado de uma só vez o espaço que separa a Comuna anarquista do governo dos alarifes. Mas, já que isso não aconteceu então, tenhâmos presente que a prássima revolução que se operará, não só na França como no mundo inteiro, será comunista, acelerará a obra interrompida pelos assassinos de Versalhes.

II

Separam-nos já alguns anos da data em que o povo de Paris constituiu-se em Comuna e proclamou a sua independencia absoluta, depois de ter destruido o governo dos traidores que se tinham apoderado do poder á caída do imperio. E, entretanto, todos os olhares voltam-se ainda para o 18 de março de 1871 que nos lembra uma das mais gratas esperanças.

O aniversario desse dia memoravel é que o povo se propõe a comemorar solenemente, e hoje o coração de milhares de proletarios dos dous mundos, falará ao universo, confraternizando atravez das fronteiras e dos oceanos, na Europa e na America, relembrando com entusiasmo a revolução do proletariado parisiense.

E' que essa ideia, pela qual o povo de Paris sofreu a peste, a fome e todas as calamidades da Caledonia, é uma ideia dessas que por si sós envolvem uma revolução; uma ideia grande que pôde abrigar nas dobras de sua bandeira todas as tendencias revolucionarias dos povos que marcha para a sua emancipação.

* * *

De onde vem essa força irresistível que atrae as simpatias das massas oprimidos ao movimento de 1871? Que ideia representa a Comuna e porque tem tão imenso atrativo entre os proletarios de todos os paizes?

A resposta é simplissima. A revolução de 1871 foi um movimento eminentemente popular, feito pelo povo mesmo, nacido espontaneamente das massas e nestas foi onde encontrou seus defensores, seus heroes, seus martires, e sobretudo, teve este caracter *canalha* qua a burguezia não lhe perdoou, nem lhe perdoará jamais. Além disso, a ideia *mater* dessa revolução — vaga é verdade, inconciente talvez mas entretanto bem pronunciada em todos os seus actos — era a ideia da Revolução Social, tratando de estabelecer, depois de tantos seculos de luta, a verdadeira igualdade para todos; era

a revolução da *canalha* marchando para a conquista de seus direitos

Incubada em um periodo transitorio, quando as ideas de socialismo e autoridade sofriam uma modificação profunda; nacida em meio de uma guerra, num foco isolado, sob os canhões dos prussianos, a Comuna devia sucumbir.

Mas, por seu carater eminentemente popular, iniciou-se uma éra nova na serie das revoluções, e, por suas ideias, foi a precursora da Revolução Social. Os assassinatos desconhecidos, ferozes e covardes, com que a burguezia celebrou a quéda da Comuna, a vingança ignobil que os verdugos ezerceram durante nove anos com os prisioneiros, essas orjias de canibaes, cavaram, entre a burgnezia e o proletariado, um abismo que jamais desaparecerá. No dia imediato ao da revolução, o povo cumprirá o seu dever; e, si não alcançar a victoria, duvida alguma lhe ficará da sorte que o espera, portanto, obrará consequentemente.

Com efeito, sabemos hoje que, no momento em que a França se institúa em Comunas, o povo não estabelecerá governo para esperar dele a iniciativa das medidas revolucionarias. Depois de ter varrido os microbios que a corroem, apoderar-se-á por si mesmo da riqueza social para coloca-la em comunismo anarquico. E, quando se tenha abolido completamente a propriedade individual e o Estado, o povo constituir-se-á livremente, segundo as necessidades que lhe tenham sido ditadas pela vida mesma.

Destruidas as correntes e derrubados os ídolos, a humanidade marchará para um porvir melhor, não conhecendo nem amos nem escravos, só venerando aos nobres mártires que, com o seu sangue e os seus sofrimentos, pagaram as primeiras tentativas de emancipação, iluminando-nos em nossa marcha para a conquista da liberdade e da justiça!

PEDRO KROPOTKINE.

SURDA INCURAVEL

A burguezia desde que fez a sua revolução e se apoderou do poder publico, se fez surda, terrivelmente surda.

Já não lembra-se mais do povo, que sem o seu concurso não teria triunfado e em cujo nome dizia combater. «A voz do povo» que foi proclamada como voz divina; a «salvação do povo» que era a suprema lei; «os interesses do povo» que se opunham ás de masias dos principes e aos abusos das aristocracias; tudo isso são coisas que a burguezia tem completamente esquecidas desde que se proclamou rainha soberana do mundo, graças ás revoluções dos ultimos seculos.

Quando se lhe quer lembrar a sua orijem e as suas promessas, quando se lhe quer advertir que o povo sofre sob o poder do capitalismo, assim como antes sob o poder da nobreza e do clero, a burguezia não ouve. Alguma vez, tão só, graças ao estrondo das greves formidaveis ou sob a impressão de algum atrevido atentado, parece que a classe dominadora pensa, por um momento, sobre o perigo que corre e estremece; então, tremula, promete ou âmeaça voltando novamente a esquecer-se de tudo.

Torna a fechar ouvidos ao clamor dos que sofrem, dos que têm fóme, dos que não se satisfazem com os direitos politicos que permetiram á burguezia elevar-se até dominar o mundo, dos que querem outro direito o unico direito positivo e pratico para os póvos, o direito ao pão, o direito á vida.

A esses direitos não renunciará nunca o povo, porque não é possivel renunciar ao indispensavel.

Pelo contrario, cada dia reclamará com mais conciencia, isto é, com mais força e mais enerjia.

Por fim, não haverá outro remedio senão ouvi-lo.

A burguezia burla-se das palavras, mas não burla-se dos efeitos.

Ao pobre que suplica e geme, despreza-o e deixa-o morrer á mingua; ao que pede trabalho, fa-lo vijiar pela policia, para não lhe escapar o menor movimento; mas diante do que sabe ajir a burguesia treme.

Ela não ignora que, emquanto o anterior estado suplicava aos nobres e aos reis, só recebia desprezos e vexames; mas quando rolou a cabeça de Luiz XVI todos os principes apressaram-se a transijir com a revolução e abraçaram-se aos rejicidas burgueses.

A burguesia conhece o poder da violencia contra a injustiça e pressente que os seus previlejios não serão duradoiros.

Espera de um momento a outro ver chegar o povo iracundo, vingativo, inecsoravel.

Por isso despreza aos que supl'icam e teme aos que sabem ajir.

A surdez dos burguezes não se curará com suplicas.

Para que suplicar? Não sabem perfeitamente que o povo sofre? Não sabem que os previlejios do capital são injustos? Não sabem que a fome e a miseria tem por causa e organização social que eles sustentam? Para, que havemos de repetir-lho, pois? As palavras dirijidas aos burgueses são palavras perdidas. Os surdos não ouvem as vozes, ha que falar-lhes com as mãos.

A burguezia não atende a razões, nem a move á piedade as suplicas, ha que falar-lhe com fatos, ha que comove-la pelo medo.

Quando vejam que o seu reinado chegou ao termo, quando vejam que se aproxima o dia da justiça, já quererão ser bons e generosos esses mesmos homens que agora são orgulhosamente surdos para as necesidades do povo.

Então apressar-se-ão a renunciar aos seus privilejios injustos e solicitarão como um favor o ser admitidos na sociedade dos homens livres e iguais.

Pobres burguezes! Só o estrondo revolucionario, poderá curar a vossa surdez!

VINDICE.

A terra para o camponez, os instrumentos de trabalho para o trabalhador — o trabalho para todos.

Manifesto da Comuna aos trabalhadores do campo.

A violencia e o poder

NÃO me trates de irreverente: da-me o braço; sou o teu inseparavel companheiro.

* * *

Um homem manchado de lagrimas e de sangue, armado de um machado penetrou na sala do palacio, cravou o machado numa das grades do trono e sentou se junto do rei.

— Vilão, — gritou o monarca. Como te atreves a cometer tamanha irreverencia? Na sabes quem sou? Vens manchado de sangue; certamente que cometeste algum crime.

— Sei quem és, — contestou o vilão, — sei tambem, que mo deves a mim. Sem ti eu podia viver: tu sem mim, não. Meus crimes são os teus O sangue que me mancha manchou-te antes a ti.

— Quem és?

— Sou a violencia, sou o verdugo

— Não te quero ao meu lado. Cumpre a tua missão, donde o cheiro do sangue das tuas vitimas não fira o meu olfato.

— O teu trono é tanto teu como meu: não me vou.

— Suprimirei em meus estados a pena de morte.

— Não importa. Ver-me-ás junto aos teus soldados. Irás talvez ordenar-lhes que não disparem contra o povo quando entre no teu palacio e te deponha?

— Ordenarei que prendam os revoltosos, mas que respeitem suas vidas.

— E então? Não deixarei de ser o mesmo. Serei quem lhes coloque os grilhões e lhes ate as correntes: serei quem os feche nas prisões e os vijie pelas grades; serei quem lhe sirva o rancho e os veja morrer lentamente, ma dizendo-te a ti e a mim, o mesmo que morrem hoje um pouco mais depressa!

— Suprimirei os carceres para não te ver

— Não desvaires Olha da tua sacada ao povo amotinado; chama-te despota e pede a tua cabeça

— Tens razão, meu amigo. Ainda que estejas manchado de lagrimas e de sangue, dá-me o braço

— Eu bem t'o dizia. Não podes tratár-me de irreverente. Sou teu inseparavel companheiro.

F. Pi Arsuaga.

GREVE

Os operarios charuteiros

NO RIO GRANDE

Os operarios da fabrica de charutos Poock & C. declararam-se em greve, no dia 10 do corrente.

Já repetidas vezes tinham os trabalhadores feito ver aos proprietarios da fabrica, que não podiam continuar a trabalhar pelos preços porque estavam sendo pagos, pois estes eram o quanto apenas chegava para ás primeiras necessidades.

Repetidas promessas foram feitas, sem nunca serem atendidas as reclamações dos operarios.

Vendo estes que, sem uma acção enerjica, nada se decidia, se resolveram constituir em greve e mandar uma comissão intender-se com o gerente da casa, o sr. Gustav Poock.

Para isso efeituaram no dia 10, ao meio dia, uma sessão na séde da «União Operaria» na qual escolheram os companheiros para procurar o sr Poock; este, porém, pretestando doença, não os quiz receber.

Os operarios, resolveran, então, continuar em greve até a final solução em seu favor das reclamações feitas

As alegações apresentadas pelos donos da fabrica de que não podem aumentar os salarios devido aos negocios ruins são improcedentes, pois é sabido que a referida fabrica ultimamente tem tido fabulosos lucros.

Os operarios acham-se dispostos a resistir té levar a cabo suas justas reivindicações.

Os jornaes, como sempre soe acontecer, manifestam-se contra a greve e a favor dos proprietarios da fabrica, que costumam fazer muitos anuncios e brindes de fim de anno.

O *Tempo* qualifica a greve de «menos justa» porque, diz ele, «quando o cambio estava baixo os preços eram os mesmos».

Não se lembrou aquela folha de dizer que, quando o cambio baixo, — o que acontecia era os patrões esplorarem mais os trabalhadores, pagando salarios irrisorios.

O *Tempo* certamente não esplicará por que ultimamente aumentou o preço dos seus anuncios, depois do cambio ter subido!

E' claro: eles, cada dia, sentem novas necessidades da vida, ao passo que a nós, operarios, tal não é permetido; devemos continuar sempre na mesma, ou para peor.

A greve dos charuteiros tem encontrado muitas simpatias no seio do proletariado rio-grandense.

De Santa Maria, recebemos uma interessante correspondencia, que só poderemos publicar no prossimo numero, por abundancia de materia para o presente.

A NOSSA GRAVURA

representa um episódio numa barricada, nos sucessos sangrentos provocados pelo ambicioso e infame Thiers, nos ultimos dias da Comuna. E' reprodução de um quadro da Esposição de pinturas, Salão de 1907, Paris.

FACTOS E COMENTARIOS

CRISE.

Sobre a crise financeira dos Es. U. da America do Norte o sr. Barton Hepburn, ex-director geral da circulação bancaria federal e ex-superintendente da fiscalisação geral dos Bancos do Estado de New York, num artigo publicado pelos jornaes — entre outras apreciações de caracter puramente burguezes inherentes ao seu cargo, destacamos os seguintes topicos:

«Acrescente-se a isso o que se descobriu das transações escandalosas da «alta finança», a falta de honra e confiança na gerencia das grandes emprezas e tambem as denuncias continuas, não só dessas emprezas, mas de todas as corporações ricas e da riqueza geral e comprender-se-á como o publico desconfiou de todos, criminosos ou não...

«A presente situação é o resltado inevitavel da constante evolução de leis economicas».

E' isso precisamente que os anarquistas, ha mais de meio seculo, vem dizendo e é para restabelecer o equilibrio das leis economicas que eles combatem — em prol da riqueza geral — o capital, escandalosamente acumulado nas mãos duma audaz minoria sem honra e criminosa.

ENTRE ELES...

Diz um telegrama de Roma:

«Numa discussão do Parlamento sobre ensino relijioso, os deputados Santini e Todeschini (um socialista e outro conservador) trocaram as peiores injurias pessoaes, chamando-se de canalhas e covardes».

Raras vezes os *nobres* representantes do povo falam tão bem a verdade e com proprio conhecimento de causa, como esta.

UMA «BLAGUE»

Sem mais comentarios transcrevemos para estas colunas um facto bem caracteristico do que são certos jornalistas burguezes e que vem corroborar tudo o que a respeito já temos dito. O facto é relatado pelo diario anarquista LA PROTESTA, de Buenos Aires, do seguinte modo:

«A INFORMAÇÃO JORNALISTICA — Está claro que não estamos inteirados si o público presta ou não credito e atenção ás noticias e informações que dão todos os dias os jornaes, tanto no que se refere á parte telegrafica como á não telegrafica. Mas, si por acaso confia no que diariamente os jornaes dizem, apresentamos-lhe um caso que destruirá em parte essa confiança e essa injenuidade baseada esclusivamente na ignorancia.

E' o caso que o *Diario do Commercio*, do Rio de Janeiro, publicou um telegrama da Republica Arjentina, dizendo que todos os anarquistas tinham sido presos aqui e mandados para a Ilha dos Estados.

E é bom advertir que detivemonos sobre esta informação por ser um assunto que diretamente nos diz respeito, porque si fosse uma das muitas que em nada se relacionam com nosco, passaria sem lhe darmos a minima atenção, como passam muitas outras.

Sirva isto para pôr em relevo a maneira como o jornalismo burguez preenche a sua missão. Vomitadores de mentiras, antro de prostituição moral, é o que está sendo parte do jornalismo burguez; mallogram o nobre fim a que é destinada a imprensa. Em vez de contribuir para limpesa da alma, contribue para emporcalha-la.»

Uma revolução que se detem e vacila é uma revolução perdida.

PELO MUNDO

ITALIA

Os varredores municipaes de Roma declararam-se em greve. Os jornaes deploram que a autoridade não tenha tomado medidas para evita-la ou remedia-la. E não é de estranhar que o deplorem desde que esta greve vem prejudicar esclusivamente as delicadas narinas da burguezia que terá que suportar por força os máus cheiros... E quanto aos trabalhadores, estes já os suportam sempre, com greve ou sem ela: a fabrica, a oficina cheiram mal! fede tambem a pocilga!...

CHILE

Sobre a greve de Iquique, de que demos detalhada noticia no numero anterior, estrahimos ainda o seguinte, de uma correspondencia de Lima, Perú:

«Poucas vezes se viu nos paizes sul-americanos uma fereza tão selvaje como a das autoridades para sufocar a greve de Iquique. O mandante da carnificina achou esecutores dignos dele, e si o Zar do Mapecho é tão ferino como o Zar de Neva, o soldado chileno nada tem que dizer do cosaco russo. Para um Mont, um Silva Renard com os seus canibais uniformisados.

«Trabalhadores chilenos, bolivianos e peruanos foram indistintamente varridos pelas metralhadoras da nação, postas ao serviço dos salitreiros: prova suficiente que para governantes e especuladores ha em todo grevista um estranjeiro, um inimigo, uma fera digna de ser caçada e aniquilada.

«Entre os milhares de homens tão inhumanamente metralhados em Iquique ha talvez alguns que lutaram e até derramaram seu sangue para que o governo do Chile arrebata-se as salinas ao Perú. Foram hontem a arma ou o braço do ladrão para despojar o visinho; hoje são vitimas desse mesmo ladraõ que não lhes faculta nem o direito á vida. O salitreiro, esse rapace e insaciavel esplorador que vende em ouro e paga em moeda desvalorisada; sentindo-se apoiado pelo governo, diz ao peão: Morre de fome, si te resignas; de bala si te revoltas.

«E, pensar que si amanhã a inveja da propriedade alheia volta a inflamar o coração do Chile, esses mesmos disgraçados, essas mesmas vitimas, voltarão a servir de arma ou de braço para consumar iguais roubos e obter a mesma recompensa! As multidões não acabão de ver que o comercio não tem patria, que, apesar da Alsacia e Lorena, o francez rico é irmão do capitalista alemão, o mesmo que os de peito de Tacna e Arica, o assucareiro peruano é amigo e compatriota do chileno enriquecido.

«Todos os grandes ladrões constituem uma maçonaria internacional, formam uma casta, espalhada no globo, mas estreitamente unida e juramentada para lutar com o seu inimigo comum — o proletario.

«Não lançaremos protestos verbaes que só arrancam sorrisos aos poderosos e aos ricos; tão pouco faremos unicos responsaveis da matança aos vis instrumentos de uma ordem ditada por elevadissimos personajens, interessados talvez na exploração do salitre; limitar-nos-emos a desejar que o delito não fique impune, que os verdadeiros autores sofram as *consequencias*, que a ação *individual* responda enerjicamente á barbarie *coletiva*».

A queda da Comuna é uma desventura para a Humanidade.

J. Garibaldi

Victimas do trabalho

Quando trabalhava, no estaleiro Mabilde, á rua 7 de Setembro, o operario Gastão Antonio da Mota, foi victima de um desastre, que talvez o deixe inutilizado para o trabalho.

Conduzindo uma padiola de carga, caiu, recebendo grave ferimento no pé esquerdo.

Foi recolhido á Santa Casa.

OS OPERARIOS DEVERÃO FAZER TODA PROPAGANDA POSSIVEL CONTRA OS PRODUTOS DA FABRICA DE CHARUTOS POOCK & C., DO RIO GRANDE, ENQUANTO OS CHARUTEIROS NÃO OBTIVEREM AS SUAS JUSTAS RECLAMAÇÕES DE AUMENTO DE ORDENADO, QUE AQUELA CASA TEIMA EM NÃO ACEDER.

NA ESTRADA DO FUTURO

— Onde vais com tanta pressa? (perguntou o ancião ao menino).

— Minha mãe morre e eu vou em procura da vida. — A criança desapareceu.

— Pobre e inocente criança! — esclamou tristemente o ancião. — Não chegaste ainda a idade da dor, e começas cedo, muito cedo a comprender as miserias que aflijem ao homem! Não vês que o que procuras é impossivel? pretender a vida no momento em que a morte está prestes a substitui-la!... Ela vence sempre na fatal contenda; o unico destino do homem é ela; a morte! — e o ancião continuou seu caminho interrompido.

— Por piedade! Não me detenham, a minha mãe morre, eu sou seu filho e quero que ela viva! — e não poude caminhar mais, alguem interrompeu-lhe o passo.

Si essas palavras chegaram ao ouvido humano não chegaram entretanto a impulsionar o coração de nenhum ente generoso, que se apiedasse daquele inocente. Dois ajentes da *ordem* publica conduziram a desgraçada criança como vagabundo e velhaco; emquanto num miseravel casebre dos suburbios, um pai desesperado, esperava ancioso o filho. A pobre mãe agonizava!... pedia para ver o filho que faltava áquele quadro de dôr. Um reflecso de vida parecia dar força áquela luz procsima a estinguir-se, na esperança de abraçar, pela ultima vez, ao filho de seus amores. A morte acabou por afogar o ultimo suspiro no peito daquela santa e pobre mulher. E a criança não voltou.

* * *

Passaram-se muitos anos. A criança fez-se homem.

* * *

— Qual é o teu destino, ó homem, que caminhas de ar tão tranquilo e de cabeça tão soberbamente erguida? — pergunta um ancião alquebrado pelo peso de quasi um seculo de miserias.

— Onde vou? — perguntou-lhe altivo e nobremente o homem. — E quem és tu? Serás acaso algum escravo?

— Fui durante muitos anos... nos melhores dias de minha juventude... — disse o ancião tristemente. — Hoje, simbolizo tão somente a miseria!

— E de que te serve hoje a liberdade si não sabes utiliza-la? — falou novamente o homem docemente penalizado. — A tua mente aferrada ás antigas crenças, gira constantemente em volta desse centro opressivo, que se chama escravidão. És passaro e não voas. Tens conciencia e não pensas. Tens olhos e entretanto não vês. Vem, pois, comigo, que ainda podes viver um dia feliz; ele será suficiente para purificar os muitos anos de tua miseravel ezistencia. Vem, pois, não vaciles, eu sou bom e humano. Conduzir-te-ei, lonje, muito lonje da vergonha que te subjuga. Eu sou a nova geração, cheia de fecunda seiva destinada a fertilizar novos e floridos campos. Conduzir-te-ei além! Vem, pois; não vaciles: Eu sou a paz, o amor, a liberdade.

FURST.

HISTORIA DA COMUNA

COMO NACEU

Após a derrota do ezercito francez, a caida do Imperio, e o sitio de Paris pelos prussianos, o povo francez ficou, por um momento, abandonado a si mesmo.

Foi então que concebeu na sua força de iniciativa a possibilidade de uma nova organização social completamente diferente daquela que o tinha levado até ás bordas do abismo, e procurou com altivez, pô-la em ezecução.

Já, durante o sitio, a vida, privada e publica da população se tinha alterada profundamente.

O povo se havia agrupado por batalhões e companhias.

A medida que aumentava a emoção produzida pelos desastres contínuos da guerra e da inépcia da Assembléa de Bordéos, formava-se maior coesão entre os batalhões e companhias da guarda nacional e de cidadãos armados. Numerozas reuniões de delegados dos diferentes bairros se efectuavam diariamente com o fim de concordar uma ação comum. Dessas reuniões e das dos «Clubs surgiu o «Comité Central», formado das comissões centraes dos vinte quarteirões de Paris — para defesa da Republica Federal.

18 DE MARÇO

Os membros desse «Comité» eram pela maior parte desconhecidos, sem posição social aparente, levados a tomar a direção do movimento pelo fluxo revolucionario do momento.

Era, pois, natural que no seu conjunto e nos fins mesmos não fossem completamente homojeneos; tanto que o «Comité Central» se viu na necessidade de se modificar continuamente em Comissão dos Estatutos, Comité da Guarda Nacional, Governo Insurrecional, etc. Nas discussões reinava, algumas vezes, confusão, pois a cada momento surjiam individuos mais enérjicos e audazes que influençavam grandemente áquelle ambiente saturado de aspirações revolucionarias.

Esses administradores improvisados, desconhecidos até hontem, ocuparam os lugares abandonados pela *gente da ordem*, ajindo debaixo da fiscalisação do povo.

As mulheres eram as mais activas.

A 18 de março, foram elas que circundaram os soldados que tinham recebido ordem de apoderar-se dos canhões que o povo tinha aglomerado nas alturas de Montemartre, e os induziram a não disparar sobre a guarda nacional, que estava ao lado do povo.

As autoridades sumiram-se como por encanto deante da fraternisação entro soldados, guardas nacionaes e povo. Daquele momento a revolução estava triunfante. A Comuna estava estabelecida.

ESALTAÇÃO POPULAR

Esta victoria, que deixou admirados aos proprios vencedores, — esta cidade que derruba o poder constituido quasi sem o saber, destróe o ezercito, esse «Comité» de mediocres desconhecidos, que de repente se acham donos de todo poder e de vinte fortalezas, improficuamente sitiadas, durante cinco mezes, pelos prussianos, e que é dominada por sua vez pelo espirito popular, tudo isto é fabuloso e antes que uma pajina autentica da historia, parece mais uma alucinação de febricitante.

E portanto isto se deu devido a esaltação, á *maluquice* colectiva da plébe, no dizer de um historiografo barato da época que classificou então Paris de «grande manicomio».

A RESISTENCIA

Essa multidão, tão diversa e aparentemente estraviada, achou o meio de combater e resistir aos mercenários assalariados pelo Parlamento de Versalhes. Durante um mez e meio, a guarda nacional defendeu, palmo por palmo, as ruas de Paris. E se andou mal nos primeiros dias de luta, devido a confusão que reinava nas suas fileiras, por outro lado demonstrou-se enerjica, valente e pertinaz em manter as posições tomadas. Nada de mais dramatico do que o continuo combate de mais de quarenta dias entre Neuilly e Issy. De um lado, era a defesa, de barricada em barricada, de casa em casa, debaixo de uma chuva continua de projectis e metralhas; do outro, era o sitio de uma fortaleza reduzida a um montão de ruinas, tomada e retomada com com rara obstinação.

O general Le Flô, na sua deposição no inquerito sobre 18 de Março, deplora vivamente que a despeito de conselho seu se não tivesse empregado, contra os prussianos, essa guarda nacional, que tanto heroismo tinha demonstrado combatendo pela Comuna.

OBRAS DA COMUNA

Infelizmente tanta abnegação não foi recompensada. A Comuna tinha caido nas mãos de gente que muito poucas idéias tinham da questão social. Os membros da Internacional que nela funcioyam eram em ínfima minoria; os outros, a maioria, passavam o tempo a lançar manifestos sem pensar em fazer alguma coisa de mais practico em prol dos operarios que lutavam pela Comuna.

Depois de tanto trabalho improficuo lembraram-se um dia de restituir gratuitamente ao povo os objectos de primeira necessidade que se achavam penhorados no «Monte de Piedade» (prego); mas... a monarchia já havia lançado mão, antes, desse recurso.

Entretanto, os operarios continuavam a ser desfructados como d'antes nos seus trabalhos. Os empreteiros de fardamentos militares pagavam aos operarios, até seis soldos (200 réis de moeda brasileira) por dia. Só no mez de Maio, quando já a Comuna estava perdida, foi que decidiram arrendar os trabalhos da administração ás cooperativas operarias.

O acto mais saliente da Comuna, sob o ponto de vista economico, foi o decreto prometendo a espropriação com indenisação das officinas abandonadas pelos proprios donos, em favor das cooperativas operarias.

Esse decreto porém, ficou, como muitos outros, sem efeito.

Que importa que os membros da Comuna, individualmente, fossem pessôas honradas e que, não obstante poderem dispor dos capitaes dos bancos, se contentassem com ordenados irrisorios, e muitos deles trabalhassem sem ordenado algum? Impedindo ao povo de tomar conta de todas as oficinas e dos capitaes, pagando aos guardas nacionaes a mesquinha etape de 25 soldos (800 réis mais ou menos) e limitando-se a proclamar a autonomia das Camunas, e circumscrevendo a revolução á Paris, condemnaram o movimento a uma derrota certa e fatal e prepararam a medonha e terrivel vingança de Maio.

A revolução foi sufocada porque o povo não soube ajir por si mesmo; não soube tomar na regulamentação dos seus interesses economicos, aquela iniciativa e enerjia demonstradas na na sua defesa.

PARIS DURANTE A COMUNA

As ruas eram perfeitamente seguras. Os actos de saques e de roubos foram limitadissimos. Até os malfeitores que, aproveitando do estado anormal da cidade, tinham voltado para Paris, pouco se utilisaram das suas más inclinações e das condições da situação. Todo o mundo estava possuido da grandeza historica do momento.

A moralidade publica nacera da falta mesmo da policia, do governo e dos instrumentos de repressão.

AS SELVAJERIAS DO GOVERNO DE VERSALHES

O governo reacionario de Versalhes, completamente surdo aos votos de conciliação formuladas pelas provincias francezas, e que tambem se manifestaram e impressionaram nas eleições lejislativas, demonstrou desde o começo até o fim dessa terrivel luta uma feroicdade, uma sêde de sangue e de vingança sem ezemplos e que marcarão infamemente, e para sempre, a historia da Burguezia e do Parlamentarismo.

Quando, num movimento errado pelos revolucionarios, foram em Chatou feitos os primeiros prisioneiros pelos versalhenses, o general Gallifet—classificado como chefe dos bandidos na guerra do Mexico — os mandou fusilar imediatamente.

E' sabida a crueldade demonstrada pela «classe dirijente» contra os pobres prisioneiros em Versalhes, onde as *damas* da alta sociedade chegaram até bater com o guarda-sol nos feridos e nos cadaveres dos prisioneiros comunerdos.

A Comuna, por sua parte, limitouse a lançar algumas platonicas ameaças e a decretar a lei sobre os refens, lei que nunca foi aplicada, salvo alguns casos particulares em que o povo indignado pelas noticias que chegavam de Versalhes, cometeu alguns actos de pronpta e sumaria justiça.

A SEMANA DE SANGRE

Quem poderá descrever a carnificina praticada dentro dos muros de Paris pelos veralhenses?

Quem poderá descrever as pesquizas e revistas domiciliares, de onde os cidadãos eram tirados violentamente dos braços das mulheres e dos filhos para serem fusilados, deixando montões e montões de cadaveres nas ruas? Os feridos, mortos barbaramente, os enfermeiros da ambulancia do Luxemburgo, os pacificos cidadãos que, por negocio da vida eram obrigados a transitar na rua, que sob um pretesto qualquer, mas na maioria dos casos por mera embriaguez de sangue, eram sacrificados? Os factos dos tres Vallés fusilados, quando o verdadeiro Vallés se achava em Londres; o dos pretendidos Billoray, Varlin, etc., são bem conhecidos.

Mais de trinta e cinco mil pessôas, homens, mulheres e crianças pereceram assim, numa semana, nas ruas de Paris, sem contar milhares de deportados para Cayena e para Nova Caledonia. Até que a *ordem* reinou novamente em Paris e o *triste* Thiers, de ezecranda memoria, pôde receber as felicitações de todas as côrtes europeas...

Paris foi metida a saque e a fogo para que a ideia da Comuna ficasse sepultada nos escombros da destruição burgueza; entretanto a ideia da Comuna resplandece luminosa e grande, aperfeiçoada por trinta e sete anos de rápido progresso das ideias libertarias, e dia virá em que, o suprema aspiração do povo se transformará em grandiosa realidade!

OS HOMENS FORTES

Honra aos valorosos aos de alma forte, aos que servem a verdade, a justiça, a belêsa. Não os conhecemos porque são altivos e não se nos mostram; não vemos com que alegra resplandece o seu coração; lançando sobre a vida um raio de luz deslumbradora, cegam-nos. Que os cegos, o numero infinito dos que não veem, vejam; que cada um veja com horror e espanto quão rude, injusta e monstruosa é a vida. Sim, honra ao homem que se possue; ele encarna todo o mundo em seu coração, todo sofrimento humano em sua alma. A iniquidade da vida, a mentira e a crueldade são os seus inimigos. Todas as horas emprega-as numa luta generoza, e seus dias são repletos de impetuosa alegria, de nobre ira de decisões heroicas... Não se poupar, eis aí a mais alta, a mais béla sabedoria. Sim, honra ao que não sabe poupar-se. Só ezistem duas maneiras de viver: a putrefação e a combustão. Os vis, os egoistas preferem a primeira; os fortes, os generosos, a segunda. Bem se vê quaes pódem ser os que amam a belêsa e a grandêsa. Enchamol-as de actos nobres, sem poupar-nos, e viveremos horas magnificas, profundamente sensacionaes, ardentemente altivas... Uma vês mais: Honra ao que não sabe poupar-se!

Maximo Gorki.

Toda a correspondencia deve ser dirijida a Stefan Michalski, *rua dos Andradas 64, Porto Alegre — Brasil.*